



# Universidade: presente!

UFRGS  
PROPESQ



## XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

## A CONSCIÊNCIA DA FRAGILIDADE OU AS RUÍNAS MISTURADAS DE UM MUNDO

autor: augusto patzlaff da SILVA

orientadora: prof<sup>a</sup>. dr<sup>a</sup>. claudia luiza CAIMI

instituição: universidade federal do rio grande do sul

### introdução.1

*o presente do passado*, ensaio apresentado por Susan Buck-Morss, questiona o poder das instituições na interferência da consciência do presente. o material disponível à consulta em texto ou imagem pertence à lista de artefatos permitidos pelo poder. são assombrosamente arbitrários e vulneráveis a ataques. o poder estatal moderno institui as bibliotecas e arquivos como “guardiões da comunidade imaginada”(BUCK-MORSS, 2018). a instituição demanda que o explorado seja útil para o futuro da nação, que seja somente “nosso” e que estabeleça uma trajetória linear e contínua para imaginar “nosso” futuro. Buck-Morss vê que a configuração dos espaços são predeterminados para o desaparecimento e indaga quais formas poderiam ser usadas que recuperariam a experiência desse ser incendiado.

### não está morta ainda.2

Buck-Morss encontra uma brecha para diálogo com o texto *A morta* de Oswald de Andrade, publicado em 1937: onde o método antropofágico perpassa o passado resignificando a sua existência. em *A morta*, há um discurso que registra o descontentamento das amarras da sociedade com as tradições de hostilidade. Oswald ataca às instituições e os campos regrados da sociedade capitalista por engessarem o homem em amarras que não apenas prendem os braços, mas vendam os olhos, “Fechamo-los em regras indiscutíveis e fixas. Fazemos mesmo que estes que são a serenidade tomem o lugar daqueles que são a raiva e o fermento. Fundamos para isso as academias... os museus... os códigos...” (ANDRADE, 2005).

### 3.brecillis. bersil. brazilv

se o próprio país tem cor de brasa, é duvidoso não termos ainda nos acostumados com os recorrentes incêndios em seu território, pois o mesmo fogo que o descobre é o que o incendeia. **como narrar as cinzas no país que carrega o fogo no nome?**



Figura 1: PAINTING IS NOT DEAD YET (A PINTURA NÃO ESTÁ MORTA AINDA), Martin Heuser, 2014, instalação. Carvão explodido sobre 3 telas, 60 x 60 cm cada, dimensões da instalação variáveis (Fragmento). Fonte: Martin Heuser

em parte da instalação de *A pintura não está morta ainda* de Martin Heuser, a pólvora que se debruça sobre a tela não apenas a integra, mas constitui toda a obra. aqui, o fogo, antes visto como inimigo, se torna uma alternativa de lidar com as consequências do mundo colapsado contemporâneo. por isso, se nem o fogo que penetra pela explosão a tela faz com que a pintura morra porque em outras instâncias o incêndio seria visto como ponto final? é o controle com o fogo, uma das habilidades que nos distingue na escala evolucionária.

### 4.referências bibliográficas

- ANDRADE, O. *A morta*. In: \_\_\_\_\_. *Panorama do fascismo / O homem e o cavalo / A morta*. Obras completas de Oswald de Andrade. São Paulo: Editora Globo, 2005.
- BUCK-MORSS, S. *O presente do passado*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie. Tradução: Ana Luiza Andrade e Adriana Varandas, 2018